

ENGAJAMENTO E FORMAÇÃO DO LEITOR A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS DE UM CLUBE DE LEITURA EM CAMPO MOURÃO - PR

Carolina Casarin PAES²⁰ (UNESPAR)

RESUMO: O presente artigo traz uma breve análise das experiências de leituras compartilhadas propostas por um Clube do Livro realizado na cidade de Campo Mourão – PR. Surgido como uma reunião de amigos leitores, o clube proporciona indicações de livros, troca de experiências literárias, e leituras compartilhadas para discussão das possíveis interpretações, além de ser responsável pela realização de trocas de livros nos espaços públicos da cidade. Com isso, acaba realizando as potencialidades da leitura defendidas por Sartre na obra *Que é a Literatura?*. Tal como propõem as contemporâneas Márcia Abreu e Luzia de Maria, essas experiências permitem que a leitura seja uma atividade social, o que é fundamental em uma sociedade letrada, que constantemente exige a leitura e a interpretação.

Palavras-chave: Clube do Livro. Formação leitora. Literatura.

²⁰ Graduanda em Letras Português-Inglês pela UNESPAR, *campus* Campo Mourão. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Unicesumar; especialista em Arte, Educação e Terapia pela Faculdade São Braz; especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Cândido Mendes. Bacharel em Psicologia pela Unicampo. E-mail: <ccpaes@outlook.com>

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE SUBJETIVIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR

Toda a minha vida foi marcada por intenso contato com as palavras. Além de pais e avós muito falantes e participativos, sempre tive muitos livros e CDs de histórias, me permitindo conhecer temas, estórias e personagens variados. Soma-se a isso uma trajetória escolar rica em indicações literárias e em produções textuais. Na adolescência, com o acesso aos livros digitais, ampliei meu repertório de leituras e tive contato com pessoas de todo o país que, assim como eu, cultivavam o amor pela Literatura. Trago essas lembranças para apresentar, de forma breve, a importância da leitura para o meu desenvolvimento, para estabelecer relacionamentos interpessoais, e para a formação da minha subjetividade e dos meus planos e ambições. Ler direcionou minhas escolhas profissionais e minha entrada na docência, e também é um *hobbie*, sendo um pilar fundamental para a minha personalidade.

Concomitantemente com minha primeira graduação, tive o prazer de ingressar em um Clube de Leitura, o qual atualmente também é responsável por conduzir uma Troca de Livros na praça da cidade, buscando o incentivo à leitura e a ocupação cultural e literária dos espaços públicos. Sobre essas experiências, pretendo redigir o presente artigo, que tem como objetivo principal descrever as potencialidades das leituras compartilhadas e experiências literárias realizadas em Campo Mourão – PR.

Acredito que esse trabalho engloba três dos eixos propostos para o Encontro sobre Ensino de Leitura e Formação do Leitor, a saber: o fenômeno da leitura; a formação de leitores para além dos muros da escola, e, como consequência direta dos dois primeiros, Leitura e construção de si. Parte-se dos estudos literários de Jean-Paul Sartre, o qual apresenta a literatura como pensamento, argumentação e engajamento social, correlacionando com as contemporâneas Marcia Abreu (2006) e Luzia de Maria (2009), que defendem o senso de valor dado pelo leitor, e a inserção da Literatura em espaços variados, para além das exigências escolares e das propostas de alfabetização

e avaliação, dando ênfase para as múltiplas interpretações e as relações possíveis entre texto e leitor.

Segundo dados da Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Instituto Pró-Livro, 2015 apud RODRIGUES, 2016), houve um aumento no número de leitores, e 56% dos brasileiros leram pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses, ainda que parcialmente. Porém, a média brasileira ainda é muito baixa, sendo 2 livros finalizados e 3 leituras parciais. Segundo a mesma pesquisa realizada em 2007 (citada por MARIA, 2009), havia mais de 77 milhões de não leitores no país, sendo, na maioria, analfabetos funcionais.

A leitura ainda está muito associada aos espaços escolares, pois é neles que, geralmente, ocorre a alfabetização, o letramento e o contato com os livros clássicos, os quais são associados à critérios avaliativos (ABREU, 2006). Não é à toa que pelo menos metade das leituras são de livros didáticos ou exigências dos professores, seja no nível escolar básico ou universitário. Além disso, 67% das pessoas relata não ter incentivo para ler. Dos que não leem, a maioria justifica não gostar, não ter tempo ou paciência, ou ter muitas dificuldades de leitura e compreensão de texto (RODRIGUES, 2016).

Essas dificuldades decorrem principalmente da falta de prática e do pouco contato com os textos literários, gerando um círculo vicioso que culmina em falta de informação e interpretações equivocadas. Para Maria (2009), a “não leitura” compromete discussões políticas, prejudica a criação e a difusão artística e cultural, e dificulta até as tarefas mais rotineiras, como encontrar endereços ou fazer pedidos em restaurantes. Sartre (1949) explica que o leitor e o escritor lidam diretamente com significados, e que as palavras nada mais são do que instrumentos, indicadores que são utilizados para compreender a realidade e para engajar-se com ela, ocupando espaços sociais.

Sartre (1949, p. 27) apresenta o livro – a obra literária – como máxima expressão da linguagem humana, e explica:

A linguagem, [a Literatura], protege-nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos. Estamos na linguagem como em nosso corpo. [...] Existe a palavra vivida e a palavra encontrada. Mas nos dois casos, isso se dá no curso de uma atividade, seja de mim sobre os outros, seja do outro sobre mim. [...] E em caso algum esse empreendimento poderia ter como finalidade a pura contemplação. Pois a intuição é silêncio e a finalidade da linguagem literária é comunicar.

A sociedade moderna é uma sociedade de palavras e textos, na qual a leitura e a escrita assumem um importante papel na criação e decodificação do falar, na ocupação de espaços sociais, no acesso à bens culturais e materiais, e na utilização de tecnologias e de objetos próprios desse tempo. Por isso, escritores, críticos literários, historiadores, professores, entre tantos outros pesquisadores, cada vez mais tem se dedicado aos estudos sobre as influências da leitura para a subjetividade (MARIA, 2009).

2 FORMAÇÃO LEITORA E EXPERIÊNCIAS EXTRAESCOLARES

Influências familiares, círculos sociais, acesso à determinados títulos e obras, indicações escolares, propagandas nas redes sociais, entre outros, são elementos que contribuem para a formação do leitor, direcionando gostos e interesses ou até mesmo afastando o indivíduo da leitura. A subjetividade se constrói nas experiências, logo, a subjetividade leitora se faz nas experiências de leitura e no contato que o indivíduo tem com livros, análises literárias e com os variados tipos de textos e de estilo de escrita.

Para Sartre (1949), a própria Literatura é uma subjetividade, pois é “um discurso que equivale ao silêncio”, um “momento histórico que remete ao homem eterno”, “um perpétuo ensinamento” (p. 36). O escritor desvela a realidade e os próprios homens, logo, sua palavra é ação. Nesse sentido, o leitor é aquele que descobre a realidade através das palavras do autor, e por isso engaja-se com a obra lida e sofre influências em sua maneira de ver e de compreender o mundo (SARTRE, 1949).

Sartre (1949) defende também a necessidade de se compreender o contexto no qual cada obra é escrita ou lida. O filósofo traz estreitas relações entre leitor e autor, porque a obra literária só existe na medida em que é lida e compreendida por outrem. Nesse sentido, engajar-se com a leitura é compreender o contexto no qual cada obra é escrita, sua influência no momento histórico, e o perfil do leitor que lê e interpreta cada obra.

Um dado relevante é que o número de jovens leitores, entre 18 e 24 anos de idade, subiu de 53% para 67%, e a justificativa inclui, principalmente, o fato de não possuírem mais as leituras escolares obrigatórias, as quais pouco incentivam o interesse dos alunos porque são descontextualizadas de suas experiências. Também houve aumento significativo no número de leitores na faixa etária de 10 a 13 anos, que hoje são os principais leitores por gosto ou interesse pessoal, o que acaba contribuindo para que haja cada vez mais publicações para esse público (RODRIGUES, 2016). De fato, esses são o principal público que busca participar das atividades oferecidas pelas experiências de leitura compartilhada realizadas na cidade de Campo Mourão – PR.

Já entre o público mais velho, os motivos para leitura são, principalmente, a necessidade de atualização cultural, acadêmica e profissional, distração, religião e exigências escolares. Poucos a consideram como um passatempo, pois o tempo livre é mais comumente preenchido por assistir televisão, vídeos e séries, ouvir música, usar a internet e redes sociais, reunir-se com familiares e amigos, e praticar esportes (RODRIGUES, 2016). A existência de clubes de leitura permite associar à leitura como um fenômeno social, no qual a leitura é o pano de fundo para estabelecer relacionamentos, utilizar redes sociais e reunir-se com outras pessoas para promover reflexões.

Pensando nisso, em 2016 teve início em Campo Mourão – PR o Clube do Livro, um despretensioso grupo de amigos que se reúne mensalmente para compartilhar suas leituras, indicando livros, recebendo indicações e discutindo experiências literárias e possíveis interpretações de cada obra. Os encontros eram realizados na Biblioteca na

SESC – Serviço Social do Comércio, pois iam de encontro com a iniciativa desse órgão de promover rodas de leitura, contação de histórias e cursos voltados para o incentivo à leitura. Nesse sentido, o Clube do Livro, com uma média de 8 participantes presentes por encontro, se beneficiou com algumas oficinas e atividades propostas, incluindo uma pequena roda de conversa na qual um professor de Filosofia discutia a obra *Como ler livros*, do Mortimer Adler.

O contato com atividades literárias incentiva a leitura. Nos primeiros encontros do Clube do Livro, as indicações eram modestas, porém, o ambiente, por si só, era bastante acolhedor (composto por mesas, cadeiras, *puffs*, tapetes, almofadas, e o desejado café) e proporcionava contato com gêneros e textos variados. As diferenças de faixa etária, com a participação de crianças, jovens, adultos e idosos (pessoas entre 5 e 70 anos), de diferentes classes sociais e ocupações (veterinários, advogados, bibliotecários, psicólogos, professores, fotógrafos, atores, entre outros) também possibilitam indicações ainda mais variadas e abrangentes. Em todos os encontros, a “lista de leituras” aumenta exponencialmente, pois é impossível não ser influenciado pela paixão com a qual cada leitor descreve suas leituras e os autores de sua preferência.

O Clube proporcionou ainda a possibilidade de conhecer autores brasileiros contemporâneos, os quais vêm à cidade para dar palestras e oficinas sobre diferentes gêneros. O contato com os autores aproxima diferentes linguagens e possibilita a ampliação do repertório de leituras, além de incentivar a criatividade e a escrita. Não é à toa que os participantes do Clube geralmente também se atrevem a escrever contos e poemas; ou que os escritores da cidade demonstrem interesse em participar e contribuir com o clube de leitura; ou que os participantes do Clube também sejam constantemente convidados para outras atividades culturais, como Semanas Literárias, Bienal do Livro, teatros, feiras, exposições e apresentações.

Sartre (1949, p. 43) explica que “a leitura é criação dirigida”. Isso ocorre porque o autor, ao escrever uma obra, preenche-a com intenções e interpretações, mas cabe

ao leitor preencher os silêncios deixados pelo autor utilizando seus conhecimentos prévios. Nesse sentido:

As palavras estão ali como armadilhas, para suscitar nossos sentimentos [...]; cada palavra é um caminho de transcendência, dá forma e nome às nossas feições; ela as atribui a uma personalidade imaginária que se incumbe de vivê-las por nós [...]. Assim, para o leitor, tudo está por fazer e tudo já está feito; a obra só existe na exata medida de suas capacidades (SARTRE, 1949, p. 43).

Visando criar uma identidade para o clube, o que é interessante na criação de um perfil leitor individual e grupal, os participantes votaram por um nome. Nasce assim a Sociedade dos Amigos Leitores (S.A.L.), a qual continua a se reunir mensalmente e já conta com a participação de mais de 20 pessoas, com uma média de 15 presentes por encontro. Nas datas comemorativas, são realizadas atividades diferenciadas como “amigo secreto literário”, no qual os presentes trocados são, exclusivamente, livros; jantares, reuniões em lanchonetes, festas juninas literárias, entre outras. Busca-se ir além das atividades puramente intelectuais – as quais Sartre (1949) chama de “atividade de contemplação”, para promover atividades sociais, as quais possibilitam o engajamento dos leitores com as atividades próprias da sua realidade.

Já no final de 2017, visando participar mais ativamente da Semana Literária promovida pelo próprio SESC, o Clube do Livro S.A.L. iniciou suas leituras compartilhadas: obras que seriam lidas e discutidas por todos os membros do grupo. Até o momento, as obras lidas em conjunto foram: *Memória de Minhas Putas Tristes* (2004), do colombiano Gabriel García Marquez; *A paixão segundo GH* (1964), da brasileira Clarice Lispector; *O velho e o mar* (1952), escrito por Ernest Hemingway; *O filho de mil homens* (2011), do contemporâneo português Valter Hugo Mãe; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury; *A [outra] volta do parafuso* (1898), ficção de Henry James; e *O perfume* (1985), de Patrick Süskind. Em setembro de 2018, será lido *O Jantar*



Secreto (2016), para contemplar o autor Raphael Montes, brasileiro que vai ser homenageado na Semana Literária deste ano.

Tratam-se de obras variadas, de diferentes épocas e contextos, as quais foram escolhidas a partir das indicações dos participantes. Luzia de Maria (2009) defende que a indicação de leituras é crucial para a formação de leitores, pois a grande dificuldade da formação leitora é “saber por onde começar”, é escolher, entre os variados títulos disponíveis, aqueles que mais se adequam aos gostos e interesses pessoais, aqueles adequados ao horizonte de expectativas do leitor.

Além disso, a discussão das obras permite um engajamento interpretativo, na medida em que cada leitor interpreta a obra de acordo com suas próprias experiências e subjetividade, agregando novas interpretações para os demais leitores. O compartilhamento de possíveis leituras para cada obra favorece o ir além da própria obra para construir significados. Além disso, comparar as interpretações possibilita ampliar o repertório de sentidos e discutir sobre a existência ou não de infinitas leituras – sabe-se que a compreensão depende da subjetividade do leitor, mas nem por isso todas as compreensões são adequadas, pois podem estar alienadas em determinadas ideologias e acabar fugindo da própria proposta do autor (ABREU, 2006; SARTRE, 1949).

O critério eclético também é observado nos *Retratos da Leitura* (RODRIGUES, 2016), o qual cita que os títulos mais lidos pelos brasileiros não são as obras consideradas clássicas, mas sim livros acessíveis em termos de preço comercial e linguagem. Na análise de Marcia Abreu (2006), a facilidade de acesso aos livros é um influenciador da leitura. Na experiência do Clube do Livro, percebe-se grande aceitação das indicações quando elas podem ser encontradas no formato digital. Na explicação de Rodrigues (2016), as pessoas têm o hábito de ler principalmente em casa ou em salas de aula, porém, atualmente tem crescido o número de pessoas que leem em bibliotecas, no trabalho e também no transporte público, ambientes nos quais os livros digitais são mais utilizados devido à comodidade e facilidade de acesso.

Outro incentivador das obras digitais é a economia, pois o livro físico tem um custo maior. Visando diminuir essa barreira, o Clube do Livro aceitou, em 2018, uma nova missão: realizar mensalmente uma troca de livros. A Troca de Livros é uma reunião informal em espaços públicos da cidade (geralmente na praça central), nos quais dezenas de títulos são colocados para exposição, e os leitores podem levar outros livros para trocar pelas obras disponíveis. Trata-se de uma equivalência: livros literários por livros literários, livros técnicos por livros técnicos, infantis por infantis. O acervo fixo foi conquistado por meio de uma doação, na qual os participantes do Clube S.A.L. arrecadaram livros usados e uma estrutura – que atualmente é composta por tapetes, almofadas, uma barraca e uma mesa de exposição.

A Troca acontece aos domingos, no período da tarde, e possui lugar fixo dentro da Feira de Economia Criativa realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico da cidade. Não possui fins lucrativos, aceita doações de livros e de materiais para a estrutura, e sua realização conta com a boa vontade dos participantes da S.A.L. Atualmente, dezenas de pessoas transitam pela troca de livros, deixando e levando títulos variados, além de deixar sugestões de leituras e de compartilhar interpretações.

Segundo Rodrigues (2016), as principais influências para a escolha de títulos são o tema (principalmente para adultos ou pessoas com escolaridade mais alta), título ou capa do livro (especialmente entre adolescentes), dicas de outras pessoas e de professores, o autor, e críticas e resenhas nas redes sociais. Abreu (2006, p. 16) explica que “não há consenso quando se trata de gosto”. Embora haja instituições que legitimem ou canonizem determinados autores e títulos, isso depende muito mais do poder da editora ou dos recursos materiais envolvidos na divulgação das obras, ou no fato de serem livros “clássicos”, que expressam determinadas características de períodos literários específicos. Porém, a experiência do Clube de Leitura e da troca de livros vai na contramão da existência de um “cânone literário”, porque permite o contato com leituras variadas e diferentes opiniões, com foco para autores

contemporâneos ou que possam contribuir com reflexões sobre a sociedade contemporânea.

É deste tipo de engajamento que Sartre (1949) fala em sua obra *Que é a Literatura?*, na qual defende a Literatura como expressão da liberdade, do gosto e da subjetividade pessoal, e que se concretiza na relação com o outro – seja o autor, seja outro leitor. O filósofo explica que “hoje consideramos a Leitura e a Escrita como direitos do homem, e, ao mesmo tempo, como meios de se comunicar com o Outro, quase tão naturais e espontâneos como a linguagem oral” (SARTRE, 1949, p. 72). Não é à toa que Abreu (2006) considera a contemporaneidade como uma “cultura letrada”, e que Rodrigues (2016) e Maria (2009) apresentem a importância de ter acesso à leitura para desenvolver a subjetividade e as capacidades de interpretação.

3 EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS ENGAJADAS FORMANDO O LEITOR

Ao longo desse trabalho, espero ter conseguido defender que as experiências literárias conjuntas, tais como as proporcionadas pelo Clube do Livro e pela Troca de Livros, são cruciais para a formação do leitor, pois influenciam na subjetividade leitora ao colocar o indivíduo em contato com gêneros textuais variados e com diferentes possibilidades de leituras e interpretações.

Interpretar uma obra nada mais é do que inserir-se no contexto do autor e de engajar-se com ele na elaboração de sentidos possíveis para conhecer a realidade que se quer mostrar. Não se trata de uma atividade unilateral, nem do leitor e nem do autor, mas de uma atividade conjunta, que se faz na relação entre aquilo que o autor deixa e aquilo que o leitor coloca de si. Nesse sentido, a leitura é uma linguagem e uma maneira de interpretar o mundo, e pode ser realizada de tantas maneiras quanto forem as subjetividades dos seus leitores (SARTRE, 1949).

A leitura desperta a consciência de si, do outro e da realidade (SARTRE, 1949). E a experiência dos clubes de leitura é fundamental para repensar a leitura como

fenômeno social e não limitado à leitura individual ou escolar, pois diminui as distâncias entre os homens e favorece o diálogo entre a humanidade. Se Luzia de Maria (2009, p. 10), diz que “*O bom livro é aquele que nos empurra para outros*”, o clube de leitura pode ser o espaço privilegiado que nos empurra para o bom livro e que favorece a formação crítica de cada leitor.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?** São Paulo: Globo, 2009.

RODRIGUES, Maria Fernanda. 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, aponta pesquisa Retratos da Leitura. **Cultura Estadão**, São Paulo, Maio 2016. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em julho de 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a Literatura? (1949)** Trad. Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2015.

